

COMPROMETIDOS OU COMPATRIOTAS?

— Presidente Samora convida colaboracionistas a optarem

por *Miguéis Lopes Júnior e Ricardo Timane*

Comprometidos ou compatriotas? Esta questão constantemente colocada ontem pelo Presidente do Partido Frelimo e Presidente da República Popular de Moçambique, Marechal Samora Machel aos cidadãos que pertenceram às estruturas repressivas do colonial-fascismo português, numa reunião a decorrer desde ontem no salão de festas da Escola Secundária Josina Machel.

Eram cerca de nove horas e trinta minutos quando o Presidente Samora Machel, trajando o seu habitual e sóbrio uniforme verde-oliva, deu início aos trabalhos da sessão.

Ladeavam-no na mesa da presidência colocada no palco do salão, Marcelino dos Santos e Joaquim Chissano. Atrás tomavam assento os restantes membros do Comité Político Permanente do Partido Frelimo, membros do Comité Central, da Comissão Permanente da Assembleia Popular, do Conselho de Ministros e Deputados da Assembleia Popular.

No balcão que encima o rectângulo do recinto numerosos convidados de todos os sectores do Aparelho de Estado e das Forças de Defesa e Segurança.

A plateia encontrava-se dividida por sectores correspondentes às principais organizações político-militares do regime colonial português, designados por tabuletas. Cerca de mil e cem moçambicanos, todos eles provenientes de Maputo mas que ali representavam, como foi acentuado, a totalidade dos comprometidos do País, distribuíam-se pelas cadeiras.

Dominando a sala, ao fundo do palco um dístico recordava: **Quando libertámos Moçambique, os comprometidos com o colonialismo também ganharam uma Pátria.**

O assumir de uma Pátria, de um País soberano não dependente de qualquer metrópole seria objectivo do encontro frisado no discurso de abertura lido pelo Chefe do Estado.

Falando durante cerca de uma hora, Samora Machel colocou diversas vezes de lado o texto do discurso para, levantando-se e enfatizando bem as suas palavras sublinhar os aspectos mais candentes que ali iriam ser postos em jogo.

Do outro lado, na plateia, os comprometidos formam ainda um mar de expressões, graves por certo, mas contudo ainda com a impenetrabilidade das fotografias que viram afixadas à entrada dos respectivos locais de trabalho desde 1978, a acompanhar as biografias.

No seu discurso o Presidente Samora referiu o facto de muitos dos alvos principais da reunião se terem procurado desculpar no passado afirmando que, embora pertencendo a organizações repressivas e fantoches, nunca tinham feito «nada de mal».

Apesar disto, a tentativa de aliviar a carga do compromisso através de afirmações como «mas eu só pagava as quotas», foi constante em grande

parte das intervenções subsequentes dos comprometidos.

«Completando-se para o correcto funcionamento da máquina» colonial, peças dessa máquina, os ex-ANP ouvidos, na sua maioria, esqueciam que um homem pode ser peça mas continua a ser homem porque é uma peça consciente. Ou seja, como o frisaria Samora Machel em diversas das suas interpelações «a consciência é uma das características que separam o homem do animal».

Alargando o conceito de comprometimento a todos os moçambicanos que, de uma forma ou de outra, num posto ou noutra, numa função ou noutra, pertenceram ao exército colonial português, Samora Machel diria ainda no seu discurso inaugural que todos deveriam tomar consciência de que a sua acção estava virada para o combate à liberdade do Povo moçambicano.

OS VALORES DO PODER POPULAR

Outro aspecto salientado, tanto no discurso como posteriormente em diversas outras intervenções, foi o facto dos comprometidos constituírem actualmente na RPM uma minoria.

Por um lado uma minoria automatizada da participação na reconstrução nacional, por ainda não terem assumido esta Pátria como sua. Por outro lado, uma minoria utilizável pelo inimigo, um campo aberto ao recrutamento do inimigo. Evitar esta possibilidade — e não a intenção de humilhar — fora efectivamente a causa principal da afixação de fotografias e biografias.

A forte salva de palmas que sublinhou esta passagem mostrou que o ponto tinha esclarecido à partida.

A vingança, o revanchismo não são característicos do nosso poder, do poder popular — sublinharia Samora Machel. A transformação do Homem, o Homem como centro do desenvolvimento, como razão de todas as lutas, o humanismo como essência dos nobres valores do Poder Popular foram também referidos por Samora Machel.

COMO SE LHES TIVÉSSEMOS TIRADO O PAPÁ

O aliciamento material e ideológico trouxe muitos moçambicanos ao compromisso pela via da assimilação. Este tipo de alienação estava sempre presente nos objectivos de recrutamento da ANP, PIDE e outras estruturas do colonial-fascismo.

Tal máscara auto-imposta, tal desenraizamento, tal alienação fez com

que muitos dos recrutados se chegassem a convencer que eram de facto portugueses mas não, sequer, como povo português. Como moleques da burguesia colonial: «arrogantes para o povo, servis para os colonizadores».

Estes ficariam numa espécie de vazío quando a independência foi proclamada: «foi como se lhes tivéssemos tirado o papá».

Samora Machel frisaria: «antes uma hora independente que 100 anos de escravatura». Como que a despoletar o processo de descolonização mental que ali se iria retomar em profundidade.

NÃO PODEMOS ESQUECER O TEMPO QUE PASSOU

A finalizar o discurso colocava o objectivo prático das sessões iniciadas: de que forma os comprometidos

se libertariam do passado, para poderem viver um presente e um futuro de moçambicanos tão livres quanto os seus compatriotas.

O método foi também del'neado. Aquele que fundamenta a cultura política específica do Partido Frelimo: falar directa e frontalmente dos problemas «irmos às suas raízes, analisar as consequências». Não para os esquecer — porque «não podemos esquecer o tempo que passou» — mas para, recordando, se atingir a libertação.

Na sessão da manhã foram ouvidos cerca de uma dezena de comprometidos com a Acção Nacional Popular, a nova designação com que Marcelo Caetano pintou a fachada da velha União Nacional fascista de Salazar.

Antes de iniciar o que viria a ser um extraordinário exercício de democracia directa e plena, o Presidente da República exporia as razões da ordem porque iriam ser ouvidos os comprometidos. «A ANP, era o Partido, a cabeça, PIDEs e Comandos e outros eram os executores, o braço».

NÃO VIEMOS AQUI PARA BRINCAR

De uma forma geral, as intervenções feitas pelos comprometidos que se voluntarizaram para o efeito, de manhã, assentaram na evasiva do «não fiz nada, não participei em nada, só pagava as quotas».

Reflectido nas palavras e na mentalidade específica de cada um dos oradores pode-se assistir a um desfile humano das marcas que o compromisso trouxe, a juntar às dos restantes instrumentos de repressão e opressão utilizados pelo colonialismo.

Uns, assumiam a atitude católica da confissão em que se diz tudo, menos a verdade, com ar compungido.

Outros a do ainda desenraizado que apresenta como «prova» da recuperação da sua dignidade o facto de não ter fugido para Portugal, «embora sendo doutor», e ter ficado em Moçambique.

Outros ainda a atitude bajulatória, e servil. Finalmente a atitude e a pose do ainda assimilado, jogando com as palavras, querendo justificar o seu compromisso no ridículo, agora constatado, dos seus antigos patrões.

Mas não são desculpas nem evasivas que se pretendem, como o sublinharia Samora Machel. É o encarar digno e bem de frente de uma quebra de dignidade, a sua análise. O estudo da trajectória de ontem para permitir palmilhar um novo caminho amanhã, lado a lado e com iguais direitos e deveres aos de todos os moçambicanos.

«Esta é uma reunião política, mas podemos transformá-la em reunião administrativa» — disse o Presidente. E, apresentando todas as estruturas do Partido e Estado presentes sublinharia: «Temos muitos trabalhos a desenvolver. Temos os bandos armados lá fora, temos os bandidos que assaltam e assassinam cá dentro, temos muitos trabalhos mas interrompemos para tratar de um assunto de importância nacional. Não viemos aqui para brincar».

LIBERTAR CONSCIÊNCIAS

«Vocês pensavam que vinham aqui para serem presos. Enganaram-se. Alguns de facto mereceriam-no. Mas não é isso o que queremos. O que queremos é libertar as vossas consciências».

Foi com estas palavras que o Presidente Samora Machel se dirigiu aos cerca de mil e oitenta e seis indivíduos comprometidos com as estruturas repressivas do colonial-fas-

cismo português, antes de encerrar a sessão de ontem cujos debates decorreram sob a tónica-questão (se assim se pode dizer) «comprometidos ou compatriotas». Questão que de resto o Presidente Samora colocou desde o início aos visados.

As palavras de Samora Machel que atrás citámos dão uma ideia da sensibilidade com que uma parte dos comprometidos encarava a presente reunião. Intranquilos «devido ao compromisso que têm com o passado», receosos de hipotéticas «vinganças» do poder popular que de facto desconhecem, esses comprometidos na realidade vivem «intranquilos com a sua própria consciência», como a propósito referiu o Presidente da República.

Mas receosos porquê?

«Noutros países vocês iriam aos tribunais para serem julgados e condenados. Noutros países, revolucionários, seriam fuzilados em público», disse o dirigente máximo moçambicano. É que «existem viúvas, órfãos porque os maridos e os pais morreram nas mãos da PIDE, dos Comandos, dos GE's. Ainda há luto no nosso país», recordou ainda.

Contudo, a metodologia democrática popular da Frelimo fruto da aprendizagem política de dez anos de Guerra Popular, tem tradições de justiça revolucionária que lhe são próprias. E foi isso exactamente o que aconteceu. E assim uma reunião que poderia ter um carácter meramente administrativo, está a viver uma ambiência «altamente política» na expressão do próprio Presidente da República, pela procura no debate «frontal, directo» de elementos da História moçambicana através da trajectória do compromisso de um punhado de homens que traíram o seu país, uma Pátria e o seu Povo, por umas migalhas do banquete colonial.

A ANP NÃO EXISTIU?

Pode-se deduzir pelo que atrás dissemos que não foi fácil o diálogo, pelo menos no início. A seriedade, a honestidade, que seria de exigir a homens confrontados com um momento bastante decisivo das suas relações com a Pátria e o Povo moçambicano, nem por todos foi assumida. Na circunstância valeu a superior condução dos debates pelo Presidente Samora. Didáctico, revelando uma grande preocupação pelo detalhe significativo para a história do comprometimento de cada um (ajudado pela memória que possui das pessoas e dos factos); servindo-se

do humor, mesmo nos momentos em que a renitência e até arrogância de alguns parecia «tudo deitar a perder», conseguiu que se produzissem alguns frutos.

Como já referimos o início do diálogo não foi fácil. Os depoimentos ouvidos até quase no final da sessão de ontem limitavam-se mais ou menos às seguintes respostas:

— «Actividades realizadas?» (na ANP).

- «Nenhumas».
- «Reuniões em que participou?»
- «Nenhuma».
- «O que fazia então?»
- «Só pagava quotas».

A um destes intervenientes perguntaria o Presidente Samora como aceitava ele pagar quotas para um partido que torturara e matara o seu próprio irmão. Resposta: o silêncio.

Noutros casos em que não foi possível esconder pormenores do comprometimento, o conteúdo das respostas em pouco mudava.

- «Participou em reuniões?»
- «Participei».
- «Qual era a ordem de trabalhos?»
- «Não me lembro».

É evidente que neste quadro muitas interrogações ficaram a pairar na sala. Dizia-nos um colega com um certo humor que «bem, pelo que estamos a ouvir, a ANP não existiu, senão na imaginação de Salazar e Caetano».

CONTRASTE DE DIGNIDADE

Já no final da sessão um caso iria contrastar com a maioria dos depoimentos. O indivíduo em causa desenhava toda a sua trajectória, do aliciamento ao envolvimento, as razões que o levaram à traição, as motivações que o deixaram fraquejar.

O que ele disse aos seus compatriotas ali presentes na reunião não foi a expressão do acto religioso da confissão. O que ele disse foram palavras de um homem que reflectiu sobre si próprio, assumiu o seu passado e descobriu uma Pátria, a sua Pátria.

No final o Presidente Samora depois de saudar a atitude corajosa do comprometido em causa, afirmar-lhe-ia que ele já não era do partido de Salazar e Caetano e que poderia fazer parte do Partido Frelimo.